



Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde- FACES
Curso de Psicologia

A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica

Fabiana da Costa Zaidem

Brasília
Julho de 2013

A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica

Fabiana da Costa Zaidem

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB como requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Marcella Marjory Massolini Laureano Prottis.

Brasília
Julho de 2013

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me possibilitado o desenvolvimento pessoal e intelectual que tive ao longo dos anos de graduação.

Agradeço aos meus pais que me deram as condições necessárias para esta graduação, além de todo apoio e amor que sempre me deram.

Ao Carlos Bruno, que muito me apoiou para realizar mais este trabalho. Obrigada pelo carinho, amor e dedicação.

Agradeço aos amigos e aos familiares que foram pacientes e compreenderam os momentos que não pude dedicar a eles.

À Marcella Laureano, que com muita paciência e dedicação se empenhou em orientar-me nestes últimos semestres de graduação. Obrigada por aceitar o tema escolhido e por trata-lo com tamanha competência.

Agradeço ao Vicente Saldanha que abriu as portas de seu consultório para trocarmos informações imprescindíveis para a confecção deste estudo.

Agradeço à banca examinadora pela atenção e o cuidado com que trataram este trabalho.

O relato de um sonho meu

“Eu estava em uma rua escura. À minha esquerda eu via um beco, ainda mais escuro. Dele saiu uma pessoa que à princípio não tinha imagem, era como invisível, ainda que eu soubesse que estava ali. Quando a imagem se revelou, vi um homem de cabelos compridos. Ele me encaminhou até uma sala e me apontou a existência de nichos que continham cápsulas. Neste instante, senti como que aquele homem fosse me causar algum mal, prendendo-me naquele local. Ele me encaminhou para os nichos e pegou uma das cápsulas ali armazenadas e a abriu, para me mostrar o havia dentro. Surpresa, vi que da cápsula saía um líquido, que ao contrário do que imaginaria, ao estar no dedo indicador do homem à minha frente, escorreu para cima, contrariando a gravidade. Do líquido saiu um inseto voando em direção à saída, e mais à frente tornou-se uma pessoa, que não sei definir o sexo ao certo. O cenário muda um pouco e então estamos em um parapeito, de onde avisto uma árvore. Ao meu lado esquerdo vejo o homem e à direita vejo meu irmão. Percebo que do parapeito tenho acesso à árvore que pode me possibilitar uma fuga do homem que supostamente quer me fazer prisioneira. Pisco para meu irmão, dando sinal de que podemos fugir. Pouco depois, o homem à minha esquerda me diz que sabe da minha intenção de fugir. Mais uma vez, o cenário fica diferente e eu me encontro sozinha na sala. Aproveito para pegar todas as cápsulas e jogá-las pela janela à minha frente. As lanço com muita força para que se quebrem ao atingir o chão. Algumas pessoas fora da sala percebem e avisam o homem do meu sonho e logo muitos vêm me impedir de romper as cápsulas. Tranco a porta da sala e fecho a janela, que neste momento se mostra como a mesma janela da casa da minha avó. Escondo-me embaixo da cama e quando conseguem entrar na sala acham que consegui escapar”.

“Mas de mim depende eu vir livremente a ser o que fatalmente sou. Sou dona de minha fatalidade e, se eu decidir não cumpri-la, ficarei fora de minha natureza especificamente viva. Mas se eu cumprir meu núcleo neutro e vivo, então, dentro de minha espécie, estarei sendo especificamente humana.”. (Clarice Lispector, 1964/1998, p. 124)

Sumário

Introdução	1
1. Freud, Jung e os Sonhos	4
1.1 Freud e Jung	4
1.2 O Sonho para Freud	8
1.3 Jung e os Sonhos	10
2. A análise dos Sonhos no Processo Analítico	14
3. A prática da Análise dos Sonhos na Clínica da Psicologia Analítica	20
3.1 Aspectos Metodológicos	20
3.1.1 Delimitação do corpus.	20
3.1.2 Método de análise.	21
3.1.3 Análise de dados.	21
Conclusão	28
Referências Bibliográficas	31
Anexos	34
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	35
Anexo B – Entrevista com psicoterapeuta junguiano	38
Anexo C – Diário de observações das entrevistas com psicoterapeuta junguiano	49

Resumo

Conhecer os conteúdos oníricos de um indivíduo, analisá-los e interpretá-los, como destacaram Freud e Jung, pode ser uma alternativa psicoterápica para o sucesso de um processo clínico ou, nos termos aplicados por Jung, para o processo de individuação. Nesse sentido, este trabalho visa lançar luz sobre o tema por meio de entrevista semi-estruturada realizada com dois psicólogos que atuam ou atuaram com base na psicologia analítica junguiana e têm experiência no uso da interpretação dos sonhos em atendimentos clínicos. Os dados foram analisados por meio do método da Análise do Discurso de linha francesa com o objetivo de se (a) discutir a função da análise dos sonhos no processo psicoterápico, (b) investigar as formas de inserção da análise de sonhos nos casos clínicos relatados por psicoterapeutas e (c) analisar a eficácia da análise dos sonhos para o andamento do processo psicoterápico. Ademais, apresentam-se as compreensões de antigos autores citados por Freud em sua grande obra e os conceitos básicos abordados pelo autor inerentes à sua proposta de análise dos sonhos. Por fim, são listados os conceitos trazidos por Jung e que são imprescindíveis para a compreensão do método de análise dos sonhos que o autor propõe e na qual este trabalho se baseia.

Palavras-chave: sonhos, Jung, psicoterapia analítica.

O tema dos sonhos é abordado desde os primeiros filósofos até as mais recentes teorias da psicologia moderna. Freud (1900/2001) esforça-se em citar diversos autores que contribuíram para a compreensão do tema. Na antiguidade, o conteúdo onírico era compreendido como revelações de um mundo sobrenatural de deuses e demônios (Buchsenschutz, 1868, citado por Freud, 1900/2001). O pensador grego Artemidoro (1975/2009, p. 23) definiu o sonho como “um movimento ou uma modelagem polimorfa da alma que significa o bem e o mal que virá com os acontecimentos futuros”. Neste sentido, o autor concebe os sonhos como meio pelo qual se apresentam “imagens particulares inerentes à natureza das coisas” as quais tornam possível apreender ou visionar o futuro. Segundo Freud (1900/2001), esta compreensão dificulta um entendimento uniforme dos sonhos, sendo preciso criar diversas categorias de conteúdos oníricos e, portanto, o processo de interpretação proposto à época tratava-se mais de uma atitude de adivinhação. De forma distinta, Aristóteles e Hipócrates relacionaram os conteúdos dos sonhos com os estímulos ambientais e corporais do indivíduo que sonha. Para eles, os sonhos podem expressar estímulos que ocorrem enquanto se sonha, assim como podem revelar sinais corporais de homeostase, por exemplo, indicando alguma doença que tenha o indivíduo.

É comum encontrar trabalhos que se dedicam à análise de casos clínicos cujo uso da interpretação dos sonhos tenha sido importante para o bom andamento da psicoterapia (Lima, 2006). Ademais, outros trabalhos comumente encontrados na literatura empenham-se em pormenorizar as teorias a respeito do sonho (Beividas, 2004, Sant’Anna, 2005, Terzis, 2005). Machado e Alves (sem ano) apresentam o uso da técnica por psicoterapeutas de três abordagens: psicanalítica, cognitivo-comportamentais e junguianas. Seu objetivo era conhecer o modo de inserção da análise de sonhos nessas abordagens e conhecer a percepção dos psicólogos em relação a esta técnica. Em resumo, buscou-se comparar as compreensões dos profissionais e foi observado que há diversas questões em que as abordagens concordam

e discordam entre si no que diz respeito aos sonhos. Destaca-se que as abordagens psicanalíticas e junguianas concordam em dizer que os sonhos manifestam conteúdos inconscientes do sujeito. Por fim, o estudo elaborado pelas autoras também possibilitou observar que os psicoterapeutas dessas duas abordagens consideram importante que seja feita uma formação específica para análise de sonhos. No entanto, ainda que sejam métodos há muito utilizados no processo psicoterápico e amplamente discutidos na literatura, poucas são as pesquisas que se dispõem a conhecer as práticas dos profissionais que os utilizam e não os casos específicos por eles analisados. Em estudos mais recentes, é possível se constatar o empenho de autores no sentido de lançar luz sobre o tema dos sonhos com base na psicanálise. Beividas (2004) apresenta uma nova ótica sobre o sonho da injeção em Irma, relatado por Freud em “A Interpretação dos Sonhos”. O autor propõe um olhar lacaniano diferente do proposto por Erickson, dando o devido valor, conforme destacado por Beividas, à questão do sentido, desdenhada pelos pós-lacanianos. Assim, o trabalho apresentado por este autor revisita e reinterpreta o sonho relatado por Freud, propondo novas formas de sentido para os conteúdos apresentados no relato.

De forma diferente, Sant’Anna (2005) trata os sonhos como meio pelo qual “é possível explorar os potenciais de desenvolvimento da imagem, bem como seus aspectos simbólicos ou teóricos” (p. 18). O autor entrevista psicoterapeutas para identificar contribuições para a questão da imagem na prática clínica. No estudo, foi possível observar que poucas são as formas de inserção de imagens na clínica e que a análise de sonhos é a forma usada mais frequentemente. Por fim, Sant’Anna constatou que esta inserção ocorre se o encontro clínico terapeuta e paciente é favorável e não é norma que rege a ação terapêutica. Outro autor que apresenta o tema dos sonhos é Terzis (2005), que traz uma visão teórica sobre o sonho e o mito. Citando a teoria freudiana, o autor descreve o mecanismo de formação dos sonhos comparando-o à formação dos mitos, ou seja, “em vez de termos um

indivíduo que sonha para se aliviar da tensão que provoca pensamentos perigosos, temos, no nível social, os membros de toda uma comunidade tentando reconciliar ilusões e situações inconscientes que se ligam a ações proibidas” (p. 3).

Diante dos estudos apresentados anteriormente, este trabalho irá apresentar no primeiro capítulo o princípio do pensamento freudiano a respeito dos sonhos e a compreensão junguiana a respeito da técnica de análise destes. Também será elaborada uma breve explanação da relação entre os dois autores, com suas concordâncias e divergências. No segundo capítulo, é apresentada a forma de inserção da análise de sonhos no processo psicoterápico, a importância dessa análise para o processo de individuação e os elementos que devem ser levados em consideração pelo psicoterapeuta para que os conteúdos oníricos sejam analisados. Por fim, no terceiro e último capítulo, apresentam-se as entrevistas realizadas com os psicólogos e elegem-se recortes para análise das falas transcritas relacionando-as à literatura abordada nos capítulos anteriores.

1. Freud, Jung e os Sonhos

1.1 Freud e Jung

No início de sua prática psicanalítica, Freud propôs o uso da hipnose como uma ferramenta indispensável para o acesso aos conteúdos inconscientes dos pacientes. A técnica era utilizada em casos de pacientes histéricas, para que estas pudessem recordar experiências ligadas ao evento desencadeador do processo patológico (Freud, 1893-1985). Assim, nesta época, segundo o autor, “essas experiências estão inteiramente ausentes da lembrança dos pacientes quando em estado psíquico normal” (p. 22) e, por isso, a hipnose permite que, sob questionamento do psicanalista, o paciente possa narrar claramente as lembranças. Diante disto, Freud afirmava que o uso da sugestão hipnótica nas neuroses parecia-lhe promissor e, ademais, “era altamente lisonjeiro desfrutar da reputação de ser fazedor de milagres” (1925-1926, p. 10). Contudo, Freud nota que a prática da hipnose não era homogênea uma vez que nem todos os pacientes eram passíveis de sua hipnose e, aqueles que era possível hipnotizar, muitas vezes não atingiam um estado hipnótico profundo tanto quanto esperado por Freud.

Após este período de uso da hipnose na clínica pré-psicanalítica, Freud (1914-1916) passa a afirmar, então, que o centro da análise do psiquismo neurótico está no processo de repressão e esta “é a parte mais essencial dela [a psicanálise] e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem recorrer a hipnose” (p. 9). Assim, o autor abandona a hipnose e começa a fazer uso da associação livre como técnica para livre acesso a conteúdos reprimidos. Esta mudança na clínica psicanalítica foi decisiva para inserção da interpretação dos sonhos no processo analítico, pois uma vez que o indivíduo podia falar livremente sobre o tema que lhe parecesse relevante, abriu-se a oportunidade de trazer para análise os conteúdos oníricos.

Com o advento da associação livre, a psicanálise pôde se desenvolver como a conhecemos hoje. Com isso, Freud adquire reconhecimento no meio acadêmico e passa a ter diversos admiradores e seguidores de seu trabalho, dentre eles, encontrava-se Carl Gustav Jung. Jung nasce no ano de 1875, dezenove anos depois do nascimento de Freud, e assim como este, Jung escolhe a medicina como profissão, tendo concluído o curso em 1900 (Silveira, 1997/2011). Jung optou pela psiquiatria para se especializar e logo assumiu importante posto no hospital Burgholzli. Poucos anos depois, o autor galgou altos cargos neste hospital e publicou diversos trabalhos que marcam a psicologia moderna, como “Estudos sobre associações”, “Psicologia da demência precoce” e “O conteúdo das psicoses”. Em 1907, Jung conhece Freud em um encontro de longa conversa. Freud afirmou à época que reconhecia em Jung um “sucessor e príncipe coroado” (Freud, citado por Silveira, 1997/2011, p. 14), que encabeçaria a condução da psicanálise. Segundo Silveira, a publicação do livro junguiano “Metamorfoses e símbolos da libido”, em 1912, delimitou as significativas discordâncias entre este e Freud. Segundo Byington (1975), os dois autores possuíam uma admiração mútua, tendo cada um seguindo a obra do outro.

Freud admirava o trabalho de Jung relacionado aos mitos e à psicologia da pré-história, enquanto Jung manteve em grande estima as descobertas freudianas do inconsciente dinâmico e dos sonhos. Assim, em princípio, os dois autores mantiveram-se em sintonia teórica por um determinado período que logo foi rompido por discordâncias que fizeram com que a admiração recíproca se transformasse rapidamente em desavenças consideradas por eles inconciliáveis. Byington (1975), ao reler cartas trocadas pelos dois autores, afirma ter tido “a nítida sensação de que a ruptura emocional havia desencadeado a separação ideológica e não o oposto” (p. 2-3). Por outro lado, esta constatação de Byington não se encontra compartilhada com outros autores, como Robertson (1995), que afirma que a fissura na relação dos dois teóricos talvez fosse algo inevitável, uma vez que possuíam diferentes

visões de mundo. Pinto (2007) também afirma que os estudos de Freud e Jung encaminharam-se progressivamente para diferentes caminhos. A autora destaca que apesar dessa paulatina divergência, “Freud interessou-se pela experiência dos psiquiatras suíços [Jung e Bleuler] vendo nessa associação uma oportunidade de ampliar os limites das psicoses” (p. 76). Isto, porque Jung a esta altura já havia enviado a Freud o estudo “Psicologia da demência psicose”, sobre o qual Freud revela estar de acordo com o autor suíço, uma vez que até então Freud ainda não tinha inserido a sexualidade como cerne da questão da libido (Pinto, 2007). Ademais, diante deste estudo junguiano, Freud mostrou grande interesse em levar a psicanálise à clínica das psicoses.

Uma vez que as divergências entre Freud e Jung tornaram-se mais acentuadas, conceitos básicos das teorias dos dois autores emergiram claramente de formas opostas. Pode-se afirmar que o conceito de inconsciente é um dos que gerou o desacordo entre as teorias freudiana e junguiana (Silveira, 1997). Freud (1923-1925/ed. eletrônica) defende a ideia da existência de um inconsciente infantil e composto por desejos reprimidos. E, por assim dizer, as emoções reprimidas no inconsciente podem se configurar como perigo à vida psíquica, motivo pelo qual o inconsciente não deve irromper a barreira do consciente, se não por meio de mecanismos como sonhos ou atos falhos. Contudo, o autor afirma também que o inconsciente “não coincide com o reprimido” (p. 11), ou seja, há conteúdos do ego¹ que fazem parte do inconsciente. Assim, Freud afirma que é aí então que “deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido - isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente” (1923-1925/ed. eletrônica p. 10).

Pode-se destacar também que o conceito de libido também é ponto divergente das teorias dos dois autores. Para Freud (Roudinesco & Plon, 1944/1998, p. 471), libido é

¹ Para aprofundar o conceito de ego e id, recomenda-se a leitura de Freud (1923/1925), onde os dois conceitos são detalhados e relacionados dinamicamente pelo autor.

“manifestação da pulsão sexual”. Mesmo que após diversas publicações de trabalhos o autor tenha dado diferentes olhares sobre o termo, ainda se manteve firme na concepção de libido como impulso sexual. Posto isso, Freud compreendia que este desejo sexual buscava a satisfação em objetos, podendo “deslocar-se em seus investimentos” (Roudinesco & Plon, 1944/1998, p. 473), mudando de objeto ou objetivo. Posteriormente, propôs acrescentar à teoria a existência de zonas erógenas que eliciam a excitação. As diferenças das teorias por eles propostas estão não apenas no que diz respeito à análise e compreensão dos sonhos, mas em diversos conceitos que influenciam diretamente no tema deste trabalho. Assim, Jung considera o entendimento de Freud em relação à libido como unilateralmente “mecanicista-causal” (Jung, 1928/2002, p. 14), ao passo que em sua teoria, Jung propõe relacionar o estudo da libido ao ponto de vista energético. Para ele, libido é sinônimo de energia psíquica ou vital, não restrita à sexualidade. Trata-se da intensidade de atividades psíquicas de todas as áreas, relacionadas às mais diferentes relações do sujeito com o mundo exterior, como fome, sede e sexo, por exemplo.

Diferentemente de Freud, Jung (1971/2008) propõe que o inconsciente é parte natural da dinâmica do psiquismo que não está sujeita a preceitos morais ou intelectivos. Assim, não é parte perversa do psiquismo que oferece riscos à integridade do indivíduo. Além disso, Jung propõe compreender o inconsciente enquanto individual e coletivo. Para o autor (citado por Silveira, 1997/2011), o inconsciente pessoal é composto por experiências subliminares, ideias ou trechos de vivências “perdidas pela memória consciente” (p. 64) e que momentaneamente não possuem energia psíquica para se manifestarem conscientemente. O inconsciente coletivo, por sua vez, compreende, segundo Jung (citado por Silveira, 1997/2011), a estrutura da psique compartilhada por todos os homens. É formada então por experiências comuns a todos, transmitidas hereditariamente e que condicionam a consciência individual a seus

pressupostos, configurando-se como “matriz de todos os fatos psíquicos” (Jung, 1971/2000, p. 27).

1.2 O Sonho para Freud

Diante das diferentes abordagens sobre o tema dos sonhos e dos diversos conceitos citados anteriormente que se relacionam à compreensão do fenômeno, Freud (1900/2001) empenhou-se em oferecer uma análise científica sobre os fenômenos oníricos. Para o autor (citado por Silveira, 1997, p. 91), “o sonho é a realização de um desejo reprimido”. Segundo ele, o sonho se revela como estrutura psíquica que pode expressar conteúdos da infância, pode construir uma percepção ampliada de estímulos externos e internos que ocorrem enquanto se sonha, bem como pode conter experiências recentes (significativas ou não) e lembranças por vezes inacessíveis na vida de vigília (Freud, 1900/2001). Ele relacionou, ainda, o processo de deslocamento ocorrido na vida de vigília com o que ocorre também com o conteúdo dos sonhos². Isto é, “o fato de o conteúdo dos sonhos incluir restos de experiências triviais deve ser explicado como uma manifestação da distorção onírica (por deslocamento)” (p. 185).

Segundo Freud (1900/2001), a censura sobre os conteúdos oníricos deturpa o desejo inconsciente e é esta distorção que se representa nos sonhos (Freud, 1900/2001, p. 306). Neste sentido, interpretar os sonhos seria o trabalho de conhecer o sentido real do conteúdo ali apresentado, que foi substituído por outro conteúdo aparente relacionado a impressões recentes da vida de vigília. Além do conceito de deslocamento, Freud (1900/2001) destaca o processo de condensação³ que ocorre com os pensamentos oníricos que não são por completo

² Ao leitor que se interesse em aprofundar os conhecimentos a respeito do processo de deslocamento presente na construção do sonho, recomenda-se a leitura de Freud (1900/2008), Capítulo VI, páginas 303-307.

³ Para aprofundar o conhecimento a respeito do processo de condensação, também é indicada a leitura de Freud (1900/2008), Capítulo VI, páginas 278-302.

expressos no relato do sonho. O autor compreende que este processo explica o porquê de um relato do que foi sonhado ter extensão muito inferior à sua interpretação que clarifica os pensamentos oníricos inerentes. Freud propõe que o critério de seleção dos pensamentos que farão parte do conteúdo do sonho é feita por meio do “processo manipulativo em que os elementos que têm suportes mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonho” (1900/2001, p. 283, Ed. Eletrônica).

Com base neste entendimento freudiano dos sonhos, é ainda mais esclarecedor conhecer o caso de um sonho tido por Freud, narrado por ele no preâmbulo do Capítulo II de sua grande obra sobre o tema (Freud, 1900/2001). O autor relata o sonho da “Injeção de Irma” e em seguida, trecho a trecho, analisa-o levando em consideração vivências prévias de sua vida de vigília e emoções vivenciadas em relação a Irma, sua paciente. Esta apresentava sintomas histéricos e somatizava sua angústia e então estabeleceu o tratamento psicanalítico com Freud em 1885. O psicanalista propõe à paciente uma solução para seu caso, mas, ao contrário do que gostaria Freud, Irma demonstra não aceitar a sugestão. Enquanto os dois estavam nesta discordância, há a suspensão do tratamento para férias e é então que Freud recebe notícias da paciente por meio de um amigo em comum, que diz ter achado que Irma “Está melhor, mas não inteiramente boa” (Freud, 1900/2001, p. 121). Diante desta situação é que Freud tem o sonho da “Injeção de Irma” e resolve pô-lo em questão para análise.

É interessante notar que na análise empreendida por Freud de todos os trechos do sonho, o autor relaciona a estes, experiências vividas por ele previamente. Com base neste processo de análise, cada fala dos “personagens” do sonho e cada imagem ou situação são, ponto a ponto, significadas com base no que Freud viveu em dias anteriores. Após esta correlação, o autor pode compreender as razões do sonho que nada mais era que uma expressão de como ele mesmo gostaria que fosse na realidade. Freud resume, então, afirmando que “Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um

desejo” (Freud, 1900/2001, p. 133). No caso específico do sonho de Irma, Freud acredita que o desejo expresso no sonho era de não ser o responsável pelo estado patológico de Irma, mas sim, seu amigo Otto, quem lhe deu a informação de que o estado da paciente ainda se mantinha sem cura.

1.3 Jung e os Sonhos

É inegável que Freud contribuiu sobremaneira para a compreensão do tema dos sonhos. Não obstante, como previamente esclarecido, Jung encaminhou seu trabalho para lado, se não oposto ao da teoria freudiana, ao menos distinto, o que obriga qualquer estudo a se declinar para um dos lados teóricos. Jung (citado por Silveira, 1997/2011) entende o sonho como uma expressão arcaica de imagens e símbolos das coisas como elas são, sendo “expressão específica do inconsciente” (Jung, 1964/2008, p. 34). Desta forma, o sonho se configura como uma representação simbólica da vida psíquica, sem disfarçar os conteúdos nela contidos ou tendo, necessariamente, que ligá-los a “impressões recentes” da vida de vigília para que possam se manifestar como conteúdo onírico, como sugeriu Freud (1900/2001, p. 177).

Jung (1964/2008) afirma que toda experiência da vida diurna (de vigília) tem sua associação psíquica particular, a depender da significação pessoal de conceitos no consciente ou de complexos⁴ inconscientes. Com isso, os conceitos podem adquirir diferentes tons e diferente intensidade, se conduzidos ao inconsciente. Na análise de sonhos, as imagens “são muito mais vigorosas e pitorescas do que os conceitos e experiências congêneres de quando estamos acordados” (Jung, 1964/2008, p. 48), o que ocorre pois, uma vez manifestos nos sonhos, os conceitos têm a possibilidade de serem expressos em seu pleno sentido

⁴ Nise da Silveira oferece uma leitura do conceito junguiano de complexo bastante clara, para o leitor que queira compreendê-lo melhor (Silveira, 1997/2011, p. 30). James A. Hall também aborda o conceito (Hall, 1983/1993, p. 18).

inconsciente. Jung esclarece ainda, que esta mudança de expressão consciente ou inconsciente de conceitos não ocorre como uma “fachada” proposital, mas é uma “dificuldade em captar o conteúdo emocional da linguagem ilustrada” (p. 48). Isto quer dizer que associações de experiências vividas com significações fantásticas ou místicas são deslocadas para o inconsciente e, por sua vez, expressas em sonhos. É nesse sentido que Jung (Ed. Eletrônica) relata a função que têm os sonhos de revelarem “os segredos que a consciência desconhece” (p. 19) e, em concordância com Freud (citado por Jung, Ed. Eletrônica), são meios pelos quais é possível conhecer os profundos segredos pessoais do sujeito. Jung defende ainda que, mais que representação da vida psíquica, os sonhos são capazes de estabelecer a auto-regulação do psiquismo. Surge então o conceito de função compensadora dos sonhos, que significa dizer que eles proporcionam a homeostase e expressam a dialética entre consciente e inconsciente (Silveira, 1997/2011). Outra função proposta por Jung é a prospectiva, que se refere à possibilidade de o sonho expressar conteúdos inconscientes que permitam a compreensão de processos vividos pelo corpo, mas que ainda não submergiram à consciência e à pele.

Jung (citado por Von-Franz, 1975/1997) descreve um sonho que teve na infância e o relaciona a suas experiências em relação à figura de Jesus. Jung viveu enquanto criança em uma atmosfera tomada pela religião, em especial, devido à atividade de seu pai como pastor. Von-Franz (1975/1997) relata que, ainda na infância, Jung tomou uma concepção errônea de um Jesus “devorador de homens”, devido à sua experiência ao ver sepultamentos de pessoas já vistas por ele e ouvir a explicação de que “o Senhor Jesus as tomara para si” (p. 20). Neste contexto, Jung relata o primeiro sonho de que tem lembrança e faz uma análise da figura divina com base nesta experiência. No sonho, Jung descobre em uma campina uma cova sombria que continha uma escada descendente. Ao entrar, Jung encontra ao final dos degraus uma cortina verde e, ao afastá-la, descobriu um salão alto, com um tapete vermelho que se

dirigia a um trono. Sobre o trono, Jung se depara com uma figura cônica que quase alcançava o teto. Era como se fosse feito de pele e, no topo, possuía uma cabeça arredondada sem rosto, apenas com um único olho no topo. Jung descreve sua sensação durante o sonho de que, ainda que a figura se encontrasse imóvel, ele tinha a impressão de que a qualquer momento ela pudesse se dirigir até ele. Então, Jung ouve a voz de sua mãe, dizendo “Sim, olhe-o bem, isto é o devorador de homens!” (Von-Franz, 1975/1997, p. 22). Com medo, Jung desperta.

Com base neste sonho, o autor empreende uma análise relacionando-o com sua concepção de Jesus como “devorador de homens”. Para ele, a figura fálica representava a contraparte de um Deus no qual Jung sempre pensara como subterrâneo, “não humano e do mundo inferior” e que se “alimentava de carne humana” (Von-Franz, 1975/1997, p. 23). No sonho citado acima, nota-se que, para Jung, decifrar as imagens do sonho é também relacioná-las à sua experiência de vida. No entanto, atribuir o complexo significado a elas, como feito por ele, não depende exclusivamente de suas vivências pessoais. Trata-se também de analisar as imagens do sonho conforme sua significação primitiva. No capítulo posterior, esta forma de lidar com as imagens arquetípicas nos sonhos de analisandos poderá ser melhor explorada.

Jung (citado por Silveira, 1997/2011, p. 68) defende a ideia da existência de “formas instintivas de pensar”, compostas por experiências típicas que são comuns a todos e que impulsionam o ser humano a agir conforme tendências herdadas de toda vivência da humanidade. Segundo o autor, os arquétipos são virtualidades, energia psíquica que se acumula e, uma vez que essa energia toma forma, tem-se uma imagem arquetípica que pode se manifestar nos sonhos. Vale ressaltar que não se tratam de “ideias e imagens e inatas” (Silveira, 1997/2011, p. 68) que estão pré-estabelecidas no psiquismo, mas são tendências que o indivíduo tem de imaginar conforme configurações arcaicas.

Após esta explanação sobre a forma como Jung compreende os sonhos, é de grande relevância esclarecer o espaço que o autor deu aos mitos em sua obra. Jung relata que apesar de os símbolos, mitos e ritos de povos primitivos parecerem distantes da realidade do homem moderno, há conexões possíveis entre eles. O que ocorre é que quando manifestos na vida moderna, os símbolos antigos não adquirem significados inteligíveis, podendo ser expressos nos sonhos, como será dito adiante no Capítulo 2, sem que o sujeito seja capaz de assimilá-los. O conhecimento da origem dos mitos permite que estas imagens oníricas de difícil compreensão possam ser analisadas com base em mitos antigos, afinal, “a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de construir símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo. E essa capacidade ainda continua a ter a importância psíquica vital” (Henderson, 1964/2008). Esta importância se deve ao fato de que mesmo de forma inconsciente toda simbologia influencia o comportamento do homem. As imagens representativas destas crenças antigas são passadas entre as gerações graças ao inconsciente coletivo, conceito abordado anteriormente.

2. A análise dos Sonhos no Processo Analítico

Diante dos conceitos básicos ligados à teoria junguiana sobre os sonhos, este capítulo visa esclarecer de que forma o analista deve compreender o sujeito analisado e os elementos que devem ser levados em consideração para que se empreenda uma análise dos sonhos, baseando-se na teoria apresentada. Jung (1964/2008) enuncia que o homem moderno é rodeado pelo conhecimento científico que muitas vezes se apresenta como suficiente para explicar experiências que antes eram compreendidas por meio de “superstições”. Assim, Jung se refere a este homem moderno dizendo que “sua ‘avançada’ consciência privou-se dos meios de assimilar as contribuições complementares dos instintos e do inconsciente” (p. 119). Como dito no capítulo anterior, esta incapacidade de assimilação faz com que as experiências tenham significados tão pouco inteligíveis que precisam ser levados ao inconsciente. A isto, Jung (1964/2008, p. 125) se referiu dizendo que se trata da “perda da psique primitiva”. Neste sentido, é por meio de sonhos que estes conteúdos têm a possibilidade de se expressar. E é diante deste sujeito que o psicoterapeuta se depara: dividido entre suas imagens do mundo objetivo repletas de significados racionais, baseadas em todo um conhecimento científico que o sujeito possui, e as imagens fantásticas que revelam o mundo do instinto, do inconsciente.

Esta questão está intimamente relacionada ao que Jung chamou de Si-mesmo. Hall (1983/1993) destaca três significados possíveis para este conceito, sendo: “a psique como um todo, funcionando como unidade”; “o arquétipo central de ordem quando considerado do ponto de vista do ego”; e “a base arquetípica do ego”. De modo geral, este é um conceito abordado por Jung como sendo o cerne que ordena a psique humana e que contém expressões inconscientes e conscientes do homem (Richter, 2005). Uma vez que o Si-mesmo contém expressões do inconsciente, ele abarca também sentidos do inconsciente coletivo e, por isso, é um conceito junguiano com pouca possibilidade de comprovação empírica. No entanto, como

afirmou Hall (1983/1993, p. 16), o Si-mesmo “é um termo útil para se descrever, de maneira psicológica, o que de outro modo é indescritível. Com efeito, no plano fenomenológico, o Si-mesmo é virtualmente indistinguível do que a tradição denominou Deus”. Esta concepção remete ao que foi dito anteriormente sobre a incapacidade de o sujeito assimilar certos conceitos (ou sentimentos e emoções) relacionados a algo sobrenatural ou fantástico. O Si-mesmo seria o responsável pela associação que o homem faz de suas vivências com algo misterioso e divino e, por assim ser, não se faz inteligível ao sujeito e passa a ser expresso basicamente em sonhos. O processo de análise pelo qual passa este sujeito pode proporcionar o diálogo necessário entre este cerne da psique (Si-mesmo) e a vida consciente do sujeito. Estando o Si-mesmo expresso livremente nos sonhos, este processo de assimilação pode desenvolver-se com fluidez se considerada na clínica a análise destes conteúdos oníricos.

Com base nesta compreensão, um indivíduo que procura um atendimento psicoterápico está em busca de um desenvolvimento psíquico. A ampliação de horizontes da consciência, por meio da integração de conteúdos, como dito no parágrafo anterior, é o que Jung chamou de processo de individuação. Este é apresentado pelo autor como o “processo em que uma pessoa na vida real tenta consciente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades individuais inatas de sua psique” (citado por Hall, 1983/1993, p. 25). Assim, trata-se de um processo em que se busca um desenvolvimento pessoal rumo às potencialidades inatas, sem limitar-se a padrões familiares, culturais ou arquetípicos. Diante disto, o processo de individuação vai de encontro a tendências do arranjo social, “excessivamente organizado em bases tecnológicas ou ideológicas” (Hall, 1983/1993, p. 26). A busca por este desenvolvimento permite que o sujeito encare sua forma de subjetivação e reconheça que sua vivência pode estar ancorada nestes padrões que limitam seu amplo desenvolvimento, conforme suas potencialidades inatas. Von-Franz (1964/2008) relata que Jung baseou-se em casos de diversas pessoas e seus diferentes sonhos para concluir que estes

fazem parte de uma organização de fatores psicológicos. Isto é, configuram um esquema “em que temas e tendências aparecem, desvanecem-se e tornam a aparecer” (p. 211) e revelam, assim, uma tendência rumo a um crescimento psíquico do indivíduo.

Segundo Von-Franz (1964/2008), todo sujeito tem a capacidade de desenvolver sua personalidade, por meio do fenômeno involuntário e natural, que emerge de um centro organizador da psique. Jung compreendia que este centro, que chamou de *self*, representava a “totalidade absoluta da psique” (Von-Franz, 1964/2008) e suscitava as imagens oníricas do indivíduo. O *self* se expressa nos conteúdos oníricos do indivíduo e, assim, orienta o seu desenvolvimento. No entanto, para que a tendência para o desenvolvimento psíquico do sujeito seja efetiva, o centro do consciente, o ego, tem de dar ouvidos aos impulsos do *self*. A investigação dos sonhos permite que as tendências do *self* possam ser assimiladas conscientemente, tornando possível o crescimento psíquico do sujeito. Von-Franz (1964/2008) destaca que, usualmente, o *self* é representado em sonhos em momentos decisivos da vida em que esteja ocorrendo alguma transição. Isto ocorre por meio de uma imagem do mesmo sexo do sonhador, uma figura superior, sábia e/ou com poderes sobrenaturais, seja como um velho ou como criança com essas características.

Da mesma forma, outros elementos da psique podem expressar-se nos sonhos, como a sombra e anima/animus. Primeiramente, Jung se referiu à sombra, dizendo que representa tendências ou qualidades desconhecidas ou pouco conhecidas do ego. Muitas vezes, estas qualidades são facilmente reconhecidas em outras pessoas, mas dificilmente são assumidas pelo sujeito, uma vez que são tendências que a envergonham, como “o egoísmo, a preguiça mental, a negligência, as fantasias irreais, as intrigas e as tramas, a indiferença e a covardia, o amor excessivo ao dinheiro e aos bens” (Von-Franz, 1964/2008, p. 222). Ao reconhecer em outras pessoas, em especial do mesmo sexo, tendências tão conflitantes, pode ocorrer o que a autora chamou de projeção, uma vez que o que se vê no outro é sua própria sombra, o

reconhecimento no outro do que em si mesmo lhe parece negativo. Em sonhos, a sombra pode ser expressa por meio de uma figura do mesmo sexo do sonhador, uma pessoa indesejável quanto à “auto-imagem consciente do sonhador” (Hall, 1993/1994, p. 26).

Analisar o que se expressa por meio desta figura é uma oportunidade de se integrar elementos da sombra. No entanto, “a sombra só se torna hostil, quando é ignorada ou incompreendida” (Von-Franz, 1964/2008, p. 229). Por isso, observar com cuidado as imagens oníricas que possam representar os impulsos da sombra é uma tarefa importante para o processo de individuação, porém, uma tarefa delicada. As imagens que se apresentam ao sujeito em sonhos e por sua vez são repassadas ao psicoterapeuta junguiano carecem de uma atenção cuidadosa, uma vez que podem representar o *self* ou a sombra do sujeito, uma vez que os dois elementos psíquicos podem ser representados por um personagem do mesmo sexo do sonhador. Cabe ao psicoterapeuta propor uma análise dinâmica, sem significados fechados e definitivos.

Como dito no parágrafo anterior, os elementos anima/animus também podem ser representados por meio de imagens psíquicas que contêm algum simbolismo significativo para o processo de individuação. Para um sonhador homem, tendências femininas de seu inconsciente caracterizam o elemento anima de sua psique. Para uma mulher, seus elementos inconscientes com tendências masculinas são concebidos como o elemento animus. No caso da figura interior anima, seu caráter pode ser definido com base na relação do homem com sua mãe. Von-Franz (1964/2008) fala de uma relação entre mãe e filho que pode se dar negativamente, influenciando o homem “de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e suscetível” (p. 236). Esta condição pode influenciar o homem a se tornar apático e triste. De forma positiva, a relação do homem com sua mãe pode influenciá-lo a se tornar submisso e sentimental, sendo difícil para ele enfrentar os desafios e problemas de sua vida. De outras formas o elemento anima pode se manifestar na personalidade do homem, sendo responsável

por aspectos positivos como o de ligá-lo a seus valores positivos profundos, mediando sua relação com o centro de sua psique. Com base nesta formação de sua alma, o inconsciente do homem se manifesta de diversas formas, podendo dar sinais para que conteúdos como a apatia ou o sentimentalismo sejam integrados à personalidade do sujeito. Esta integração pode ocorrer uma vez que é dada atenção à mensagem da alma, que pode se expressar por meio de imagens oníricas femininas, que transmitem diversos significados do *self* ao consciente.

O elemento animus, na mulher, é influenciado por sua relação com o pai. Da mesma forma que a alma, o animus pode conter um caráter positivo ou negativo. Sua manifestação pode se dar por meio de uma insegurança ou paralização de sentimentos que influenciam a mulher a ter um sentimento de nulidade ou vazio (Von-Franz, 1964/2008). No entanto, o animus também pode conter elementos positivos em relação à capacidade de criação da mulher. Assim como a alma, o animus pode ser integrado conscientemente de modo que a mulher aproveite suas características masculinas, como a objetividade, a coragem e a iniciativa. Para cada um, homem ou mulher, os elementos se expressam em sonhos por meio de imagens do sexo oposto. Com sua análise, as características positivas trazidas por alma/animus podem ser bem aproveitadas pelo sujeito, sendo viável a compreensão das manifestações do *self*.

Estes elementos até aqui abordados referem-se ao nível pessoal de análise, que direciona o entendimento das imagens oníricas rumo à compreensão do processo de individuação. Hall (1983/1993) relata a possibilidade de se ampliar estas imagens, relacionando-as a imagens “culturais e transpessoais”. Esta correlação pode já ser conhecida do analisando, mas pode ocorrer de não surgir voluntariamente, quando se relata um sonho. Assim, o analista pode relacionar as imagens oníricas com imagens culturais e sugerir esta interpretação ampliada para o sujeito. Há também a possibilidade de relacionar o sonho do

analisando a motivos arquetípicos. No entanto, o autor destaca que há limitações ao se estabelecer esta ampliação arquetípica.

Isto depende, em grande parte, de uma vasta familiaridade com a mitologia, o folclore e a religião, que são os repositórios de imagens significativas, que foram suficientemente expressivas para uma longa sucessão de pessoas para serem transmitidas durante extensos períodos de tempo e inseridas em tradições escritas (Hall, 1983/1993, p. 95).

O autor também afirma que a ampliação arquetípica é uma tarefa delicada, pois o psicoterapeuta deve reconhecer se o significado encontrado no sonho terá mais importância para o processo de individuação do sujeito se analisado do ponto de vista pessoal. Ou seja, trata-se de reconhecer “um significado pessoal entre as muitas possibilidades arquetípicas oferecidas tanto no inconsciente quanto no mundo coletivo exterior” (Hall, 1983/1993, p 95).

Esta é uma questão importante para a prática analítica proposta por Jung que considera imprescindível reconhecer que os sonhos “não se deixam reduzir a uma significação única: são ricos de múltiplos sentidos, de numerosas valências” (Silveira, 1997/2011, p. 99). No mesmo sentido, os sonhos trazidos pelo sujeito à clínica expressam os conteúdos inconscientes que poderão ser trabalhados no processo psicoterápico para que se torne possível a “sabedoria antiquíssima” (Jung, Ed. Eletrônica, p. 22) do sujeito em relação a si mesmo, o autoconhecimento. Jung afirma ainda que a busca pela interpretação do conteúdo onírico não deve se dar com base em sonhos isolados, que por si só não expressam a complexidade da vida psíquica, mas deve sim basear-se na compreensão de toda uma série de sonhos e, mais ainda, deve estar intimamente ligada à situação consciente. Assim, “há entre o consciente e o sonho a mais rigorosa causalidade e uma relação precisa em seus mínimos detalhes” (Jung, 1971/2008).

3. A prática da Análise dos Sonhos na Clínica da Psicologia Analítica

Diante de toda compreensão junguiana a respeito dos sonhos, abordada ao longo deste trabalho, este capítulo se dedica a apresentar os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com psicoterapeutas que trabalham nesta linha teórica. As entrevistas objetivaram conhecer na prática o trabalho psicoterápico com sonhos e analisa-lo levando em consideração os conceitos inicialmente abordados por Jung e incorporados na atuação dos profissionais de modo a guiar o seu trabalho analítico.

3.1 Aspectos Metodológicos

3.1.1 Delimitação do corpus.

Foram entrevistados dois psicoterapeutas junguianos, sendo um deles do sexo feminino, a qual trabalhou na psicologia clínica, porém, não realiza mais atendimentos, e o outro, do sexo masculino, atuante na clínica junguiana. Os participantes foram selecionados com o critério de trabalharem há pelo menos um ano com o método da análise de sonhos proposto por Jung. A entrevista com a psicoterapeuta, realizada em 10 de maio de 2013, foi gravada e posteriormente transcrita para possibilitar a eleição de recortes (unidades discursivas) a serem analisados. As entrevistas com o psicoterapeuta, por sua vez, não foram gravadas, a pedido dele mesmo. Portanto, foi realizado um diário de observação (Anexo C) para que os dados obtidos pudessem ser transcritos com o empenho em fazê-lo o mais próximo possível à realidade da fala do entrevistado. Com este psicoterapeuta foram realizadas 04 (quatro) entrevistas nos dias 30 de abril, 09 e 16 de maio e 13 de junho de 2013. As entrevistas foram realizadas no próprio consultório do psicólogo e no ambiente de trabalho da psicoterapeuta, que responderam verbalmente às perguntas semi-estruturadas. A

duração de cada entrevista com o psicólogo foi de 50 minutos. A duração da entrevista com a psicóloga foi de 30 minutos. Os participantes foram esclarecidos sobre os riscos ou benefícios e o sigilo da pesquisa e, após todos os esclarecimentos, foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

3.1.2 Método de análise.

Os dados obtidos por meio das entrevistas foram analisados com base no método da Análise do Discurso (AD) de linha francesa e, para isso, alguns recortes da fala dos entrevistados, que demonstram maior importância para a compreensão de sentidos (Laureano, 2008), foram transcritos ao decorrer da análise dos dados. A AD sugere a análise do discurso do sujeito com base na identificação de conteúdos ideológicos que o indivíduo naturaliza, ou seja, o sujeito se apropria de conteúdos que já estão dados e os coloca como sendo de si mesmo. Para tanto, é necessário compreender as condições de produção do conhecimento apresentado no discurso e identificar as circunstâncias que determinam a materialidade linguística. Assim, a AD compreende que o dado contido no discurso não existe *a priori*, mas sim, é parte de um contexto histórico que é decisivo para sua compreensão (Laureano, 2008). Por fim, para a compreensão dos dados obtidos com base na AD, é necessário se atentar também aos conteúdos não ditos, expressos ao longo da entrevista.

3.1.3 Análise de dados.

Tendo em vista que o método escolhido para análise dos dados obtidos com as entrevistas foi a Análise do Discurso, serão apresentados a seguir os recortes das entrevistas eleitos para serem analisados. Para sistematizar a apresentação dos dados, serão inseridos e analisados primeiramente os trechos transcritos da entrevista com a psicoterapeuta junguiana.

Após, será apresentado e analisado o conteúdo do diário de observações obtido a partir das entrevistas com o psicoterapeuta.

Recorte 1:

“Porque o sonho tem isso, ele tem um aspecto premonitório, em alguns momentos, em alguns casos. Algumas vezes ele fala do que tu tá vivendo, e algumas vezes é como se tu... porque nós temos uma sabedoria interna. É isso que Jung traz também, né. A questão do teu eu superior, que seria o próprio self pra ele, né. Então o teu self ele te dá o caminho, porque existe uma sabedoria maior que vai além do inconsciente pessoal.”

É possível observar que a psicoterapeuta relata que o sonho pode apresentar elementos da vida de vigília do sonhador, representando o que se passa com ele no período próximo ao do sonho. Como dito no primeiro capítulo, Freud já afirmou que o sonho poderia conter elementos recentes do que foi vivido pelo sonhador. Neste primeiro trecho selecionado também se nota que a psicoterapeuta se refere ao *self* como unidade psíquica que possui a capacidade de guiar o sujeito. Com base nisso, é possível retomar o que foi dito nos capítulos anteriores e relacionar a teoria com o recorte citado acima. Esta “*sabedoria*” a que ela se refere relaciona-se à “*sabedoria antiquíssima*”, o auto conhecimento (Jung, Ed. Eletrônica, p. 22).

A psicoterapeuta entrevistada também relata a apresentação de anima e animus em sonhos e as formas em que o *self* pode ser expresso, conforme se observa no recorte a seguir:

Recorte 2:

“Então esse teu self, né, tu vai ter aqueles... tu vai ter o animus e a anima, no nosso caso o animus, né, como mulher. Mas o teu self surgindo nas figuras de velho e de criança, né, que seriam as contrapartidas do self. Eles vão te dar um, vamos dizer assim, um

entendimento do que, de que caminho tu precisa ir. O que que tá te apoiando, ele vai te dar uma direção”.

Neste recorte observa-se que a análise das imagens representativas dos elementos anima e animus e do próprio *self* podem fornecer material para compreensão do processo de individuação do analisando, como dito no capítulo anterior. Este recorte também demonstra que a apresentação do *self* em sonhos pode ser reconhecida por meio de figuras específicas, como visto no relato da autora Von-Franz (1964/2008).

Outro trecho da entrevista que merece destaque é o que se segue:

Recorte 3:

“O diferencial do pensar, interpretar o sonho por Freud e por Jung é que por Freud, tu dá a tua interpretação, né, uma visão mais autoritária e tal e tu diz pro paciente "ah, então tu tá pensando isso", então "o teu caminho é esse". Quando tu pega Jung tu vai perguntar pra ele como é que ele tá entendendo isso, né. Qual é o entendimento que ele tem e qual é o contexto daquele sonho na realidade dele.”

Nota-se que a psicoterapeuta se refere ao modo de análise dos sonhos de Freud e de Jung dizendo que elas se diferem quanto à possibilidade de participação do analisando no processo de interpretação. Uma vez que Jung analisa os sonhos, mas permite que o próprio sujeito seja o principal responsável por atribuir significado ao conteúdo onírico apresentado, melhor vazão se dá aos conteúdos inconscientes e melhor é a construção de sentido para a vivência do analisando. É certo que Freud não permanece com esta postura rígida por um longo período. Com sua prática, passa a dar mais espaço para a fala do sujeito, sendo menos autoritário na análise dos sonhos.

A psicoterapeuta relatou que relacionar os conteúdos dos sonhos com a realidade psíquica e concreta do paciente também é importante. Referiu-se a isto, dizendo:

Recorte 4:

“E aí, claro, ‘eu sonhei’ e tem um aspecto residual do sonho, né. Que o próprio Freud falava disso. Mas enfim, pra Jung isso também conta. Daqui a pouco a pessoa não teve lá um sonho arquetípico. Não são todos os sonhos que são arquetípicos”.

Quando ela referencia Freud, neste trecho, tem-se o que o autor chamava de “restos diurnos”, que se associam a conteúdos inconscientes e apresentam-se, assim, em sonhos (Freud 1900/2001). No capítulo anterior, foi destacada a possibilidade de análise dos conteúdos oníricos com base em imagens culturais ou imagens arquetípicas, conforme afirma Hall (1983/1993), que fala do cuidado que o analista deve ter ao decidir entre ampliar ou não as imagens dos sonhos trazidos pelo sujeito para significados arquetípicos. Portanto, as imagens do sonho trazidas pelo sujeito ao analista podem ou não ser ampliadas a um nível arquetípico. Cabe ao analista identificar a importância da ampliação para o atual momento do processo de individuação do sujeito.

A entrevistada relatou a frequência em que utilizava a análise de sonhos em atendimentos clínicos e complementou dizendo que uma técnica complementar a ajudava a interpretar sonhos, quando estes não eram recordados pelo analisando:

Recorte 5:

“Utilizava em todas as sessões. É muito raro tu não trabalhar com os sonhos. Em alguns casos eu trabalhava com imaginação ativa quando o paciente contava um pedaço do sonho e ‘não lembro mais’. E tu vê que era um sonho mais significativo. E aí a gente vê ‘e se fosse?’, ‘eu não sei’, ‘mas e se soubesse?’, ‘e aí, como é que poderia ser? feche os olhos, imagina, volta’. Enfim... e aí viajar um pouquinho. Eu gosto mais dos sonhos puros do que a imaginação ativa, mas trabalhei também com ela”.

Neste trecho, contata-se o uso de uma técnica complementar para se acessar conteúdos trazidos no sonho mas que foram em parte esquecidos pelo sujeito. Hall (1983/1993) fala sobre o uso da imaginação ativa de Jung como uma forma de deixar “vir à tona” conteúdos inconscientes.

A psicoterapeuta também falou sobre a falta que sente de sua análise pessoal, com base na teoria junguiana, assim como acha importante o uso dessa teoria na análise de pacientes:

Recorte 6:

“Mas o que eu sinto falta tanto pro paciente quanto pra gente, é um alívio existencial que a interpretação de sonhos junguiana te dá que outras correntes não te dão. Porque o teu inconsciente ele tá falando literalmente no teu sonho, né. E ele tá dizendo que tu precisa. Ele te diz o caminho. E quando tu consegue chegar junto com o paciente nesse caminho, a pessoa ela fica mais centrada mesmo, né. É um centramento diferente, é um centramento de self.”

Neste trecho é possível perceber que a abordagem proposta por Jung permite que conteúdos inconscientes, como os que são trazidos por meio dos sonhos, possam ser tratados na clínica com a devida relevância que possuem no processo de individuação do sujeito. Anteriormente foi dito que o self pode se manifestar nos conteúdos oníricos e quando estes são analisados, a tendência para o desenvolvimento psíquico apresentada pelo self possa ser assimilada conscientemente. O centramento de *self* abordado pela psicoterapeuta tem estreita relação com esta questão. Para complementar o que está sendo aqui discutido, tem-se outro trecho interessante da entrevista:

Recorte 7:

“... ela religa o teu próprio self, na tua própria essência. Ela é muito rica. E isso faz com que a pessoa tenha numinosidade, com que o olho dela brilhe, com que ela ache outros caminhos. Não da identidade fixa e essencial, mas dentro de um caminho que ela vai traçando pelas verdades que ela vai sentindo no seu próprio inconsciente.”

O caminho traçado com base no que se sente inconscientemente também se relaciona à tendência ao crescimento psíquico trazida pelo self, que foi abordada há pouco.

Diante das considerações da psicoterapeuta entrevistada podem ser estabelecidas relações entre sua fala e o relato do psicoterapeuta para o qual foi elaborado o diário de observações (Anexo C). O psicoterapeuta relata que, assim como Jung, os psicoterapeutas devem construir sua forma de atuar na clínica “de dentro para fora”, fazendo sua análise pessoal. Da mesma forma, a psicoterapeuta destaca a falta que sente da análise pessoal, em especial da análise dos sonhos, uma vez que a considera capaz de oferecer um “alívio existencial”, assim como analisado no Recorte 6. Os dois entrevistados também concordam no que tange à necessidade de análise dos conteúdos dos sonhos com base na dinâmica psíquica do sujeito, conforme dito na segunda entrevista com o psicoterapeuta e dito também pela psicóloga, quando diz que sua análise é ligada à realidade psíquica e concreta do sujeito analisado.

O psicoterapeuta entrevistado relata a existência da transferência na relação analista e analisando como sendo uma via de mão dupla, em que a contratransferência, tratada por Freud, é uma transferência natural, uma vez que são “dois inconscientes que se encontram na clínica”. Hall (1983/1993, p. 68) corrobora esta afirmação, dizendo que “É impossível construir uma situação interpessoal em que as influências corram numa única direção”. Dessa maneira, o entrevistado destaca que a ocorrência deste fenômeno é algo natural do encontro e não é base para análise ou instrumento de trabalho do analista.

É possível notar que em diferentes entrevistas, o psicoterapeuta menciona a relevância da análise de imagens para o processo analítico. Segundo ele, a “imagem antecede a palavra” e, por isso, deve ser levada em consideração pelo analista especialmente ao analisar os sonhos trazidos à clínica. Para esta análise, ele sugere a utilização de mitos, da literatura e dos contos de fada. Com isso, é viável relacionar esta afirmativa com o que foi dito no item 1.3, referente à existência de uma simbologia que perpassa diferentes gerações da humanidade, composta de crenças, mitos e rituais. Por meio do inconsciente coletivo, os símbolos podem ser compartilhados pelos homens de diferentes lugares e diferentes épocas. E, sendo assim universalizados, os símbolos comunicam-se com a realidade psíquica do homem por meio não da linguagem formal, que dependeria do pertencimento dos homens à mesma comunidade verbal, mas difunde-se através das imagens, que podem ser expressas nos conteúdos dos sonhos. É interessante analisar que, apesar de essas imagens serem compartilhadas por todos, sua expressão na vida de cada indivíduo relaciona-se à realidade psíquica dele. O que torna o conteúdo dos sonhos algo único e original, como dito pelo entrevistado, todo sonho é genuíno.

Conclusão

Para que os objetivos deste trabalho pudessem ser atingidos, no primeiro capítulo foi traçado um panorama das contribuições de Freud em relação à interpretação dos sonhos, autor que introduziu a discussão do tema à psicologia enquanto ciência. Freud colaborou para que o tema dos sonhos pudesse ser tratado com a devida credibilidade na psicologia, mesmo que à época o autor creditasse esta relevância a motivos distintos do proposto por Jung. No mesmo capítulo, foi apresentada a relação entre os dois autores, com suas convergências e divergências em relação a diversos conceitos psicológicos. Visto que suas teorias se encaminharam para lados distintos, o capítulo também apresentou separadamente a visão de cada autor em relação à análise dos sonhos. Em seguida, no segundo capítulo, a teoria junguiana sobre os sonhos pôde ser abordada de forma mais aprofundada, dando ênfase aos motivos pelos quais esta análise pode ser relevante para o processo psicoterápico. Por fim, no terceiro e último capítulo, este estudo apresentou a prática da análise dos sonhos na clínica, mostrando entrevistas realizadas com dois psicoterapeutas junguianos. Neste mesmo capítulo, os dados foram analisados com base na análise do discurso de linha francesa, o que permitiu a eleição de recortes significativos das falas dos entrevistados para relacioná-los à teoria ora apresentada.

Diante da literatura específica levantada a respeito da análise dos sonhos na teoria junguiana e diante também das entrevistas realizadas e as relações possíveis entre elas, observa-se que os objetivos deste trabalho puderam ser alcançados, quais sejam: discutir a função da análise dos sonhos no processo psicoterápico; investigar as formas de inserção da análise de sonhos nos casos clínicos relatados por psicoterapeutas; analisar a eficácia da análise dos sonhos para o andamento do processo psicoterápico. Em linhas gerais, conforme abordado nos capítulos deste trabalho, Jung considera que além do inconsciente pessoal o

homem possui a psique objetiva (inconsciente coletivo) e que os dois podem ser expressos tal como são nos sonhos, de forma genuína. Com base nisto, a análise destes conteúdos pode possibilitar que o sujeito assimile conteúdos inconscientes que o indiquem o caminho rumo ao processo de individuação.

Em relação à inserção da análise de sonhos em casos clínicos, foi possível notar que os psicoterapeutas entrevistados afirmam utilizar com grande frequência esta análise no processo terapêutico. Ademais, os entrevistados demonstraram que as maneiras de se introduzir nos casos clínicos a análise dos conteúdos oníricos podem variar, como solicitar ao analisando que anote seus sonhos ou utilizar imaginação ativa para relembrar trechos de sonhos esquecidos e que podem ser importantes para o processo psicoterápico. No entanto, a psicoterapeuta relatou não se recordar de casos específicos em que utilizou a análise de sonhos e como a empreendeu. Na entrevista com o psicólogo também não foi possível inserir dados dos casos relatados e dos sonhos analisados em cada um deles, uma vez que não houve gravação da entrevista e sim um relato dos encontros registrados no diário de observação. Por fim, considerando o último objetivo proposto por este estudo, foi possível constatar que as falas dos psicoterapeutas entrevistados relacionam-se intimamente com a teoria junguiana apresentada nos dois primeiros capítulos. Isto, tendo em vista que eles apresentaram o uso da análise dos sonhos como muito importante para o andamento do processo psicoterápico. A eficácia da análise destacada por eles corrobora a visão de Jung de que os sonhos expressam uma realidade psíquica que influencia o sujeito, mas que muitas vezes, no entanto, não encontram espaço para apresentar-se em sua vida consciente. Através da análise dos sonhos, torna-se possível assimilar estes conteúdos inconscientes e assim proporcionar ao sujeito a possibilidade de desenvolver-se psiquicamente, caminhar rumo a seu processo de individuação.

Com base em todas as análises estabelecidas anteriormente, nota-se que a interpretação dos sonhos na clínica psicanalítica de Freud e especialmente na psicologia analítica de Jung apresenta-se como técnica de grande relevância para o processo clínico. Para os dois autores os sonhos mostram o caminho para o inconsciente do sujeito. Mas para Jung, esta é uma técnica ainda mais central na prática analítica, que traz elementos inconscientes pessoais e coletivos e proporciona o autoconhecimento e o processo de individuação.

Esta pesquisa limitou-se a levantar aspectos originais da análise de sonhos, como proposto inicialmente por Jung, e o trabalho de psicoterapeutas com base nela. Portanto, sugere-se que, para futuras pesquisas nesta área, sejam utilizados autores atuais que deram continuidade aos estudos da teoria junguiana sobre os sonhos. Ainda que estes autores apresentem divergências em relação aos conceitos iniciais de Jung, relacionar estas mudanças conceituais com a necessidade de adaptação do psicoterapeuta às mudanças do homem contemporâneo pode colaborar para o desenvolvimento dos estudos em psicologia analítica e atualizar os estudos da área. Isso poderá corroborar o caráter dinâmico que a psicologia naturalmente possui, uma vez que o homem se adapta com o tempo e as ciências humanas acompanham esta adaptação para oferecer um melhor estudo das características do homem.

Referências Bibliográficas

- Artemidoro, D. (2009). *Sobre a interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Jornal Zahar.
- Beividas, W. (2004). O Sonho de Freud: A Semiótica do Discurso Onírico. *Psicologia USP*, 15 (3), 137-162.
- Byington, C. A. B (1975). *Freud e Jung: Dois opostos que formam um todo*. Palestra proferida no Museu de Arte de São Paulo.
- Von-Franz, M. L. (1964/2008). O processo de individuação. C. G. Jung (org.), *O homem e seus símbolos* (p. 132-205). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Von-Franz, M. L. (1975/1997). *C. G. Jung: Seu mito em nossa época*. Cultrix: São Paulo, Ed. Eletrônica.
- Freud, S. (1900/2001). *A Interpretação dos Sonhos*. Ed. comemorativa 100 anos. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1886-1899). *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos*. Coleção Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol I, Ed. Eletrônica.
- Freud, S. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. Coleção Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol II, Ed. Eletrônica.
- Freud, S. (1914-1916). *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Coleção Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol XIV, Ed. Eletrônica.
- Freud, S. (1923-1925). *O ego o ID e outros trabalhos*. Coleção Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol XIX, Ed. Eletrônica.
- Freud, S. (1925-1926). *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos*. Coleção Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Vol XX, Ed. Eletrônica.

- Hall, J. A. (1983/1993). *Jung e a interpretação dos sonhos: Manual de teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, Ed. Eletrônica.
- Hall, J. A. (1993/1994). *Sonhos: Símbolos religiosos do inconsciente*. São Paulo: Edições Loyola.
- Henderson, J. L. (1964/2008). Os mitos antigos e o homem moderno. C. G. Jung (org.), *O homem e seus símbolos* (p. 132-205). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (1928/2002). *A energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, Ed. Eletrônica.
- Jung, C. G. (1964/2008). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (1971/2000). *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, Ed. Eletrônica.
- Jung, C. G. (1971/2008). *Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (Ed. Eletrônica). *A psicologia do inconsciente*. Ed. Eletrônica.
- Laureano, M. M. M. (2008). *A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre análise do discurso e psicanálise lacaniana*. Tese de doutorado, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto, 2008.
- Lima, A. P. P. (2006). Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. *Estudos de Psicologia*, 29, 821-830.
- Machado, L. F. S. & Alves, M. C. L (sem ano). *O uso do sonho em psicoterapia: uma pesquisa com psicólogos da cidade de Franca*. Estudo realizado como parte de uma pesquisa de Iniciação Científica do CNPq. Retirado de http://legacy.unifacef.com.br/novo/iv_congresso_de_iniciacao_cientifica/Trabalhos/Inicia%C3%A7%C3%A3o/Laura%20Machado.pdf
- Pinto, K. M. (2007). *Crônica de um fim anunciado: o debate entre Freud e Jung sobre a teoria da libido*. Rio de Janeiro: Ágora. Vol. X, n. 1, 75-88.
- Richter, L. K. (2005). *A concepção de religião no pensamento de C. G. Jung: O conceito junguiano de Si-mesmo*. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro-RJ.

- Robertson, R. (1995). *Guia prático de psicologia junguiana*. São Paulo: Cultrix. Ed. Eletrônica.
- Sant'Anna, P. A. (2005). Uma Contribuição para a Discussão sobre as Imagens Psíquicas no Contexto da Psicologia Analítica. *Psicologia USP*, 16 (3), 15-44.
- Silveira, N. (1997/2011). *Jung: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra.
- Terzis, A. (2005). A Explicação Psicanalítica do Mito e do Sonho. *Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 6 (2), 19-27.

Anexos

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Centro Universitário de Brasília - UNICEUB
Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde - FACES
Curso de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

“A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica”.

Instituição dos pesquisadores: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Professora orientadora/Pesquisadora responsável: Marcella Marjory Massollini Laureano

Aluna/Pesquisadora assistente: Fabiana da Costa Zaidem

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso deseje participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.
- Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

O presente estudo é parte do requisito para conclusão do curso de Graduação em Psicologia e possui três objetivos principais: (1) Discutir a função da análise dos sonhos no processo psicoterápico; (2) Investigar as formas de inserção da análise de sonhos nos casos clínicos relatados por psicoterapeutas; (3) Analisar a eficácia da análise dos sonhos para o andamento do processo psicoterápico.

Procedimentos do estudo

- A sua participação consiste em responder a perguntas semi-estruturadas a respeito do uso da interpretação dos sonhos na clínica.

- Ao longo da entrevista você poderá relacionar casos em que o uso da interpretação dos sonhos tenha sido importante para o sucesso do processo analítico.
- Caso você queira desistir de participar do estudo, basta pedir ao pesquisador e automaticamente você será desligado do trabalho e não atribuída qualquer penalidade.

Riscos e benefícios

- Este estudo não possui maiores riscos aos participantes.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisará realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre como se pode utilizar a análise dos sonhos em casos clínicos e como o uso desta análise beneficia o analisando.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Os seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (fitas, entrevistas etc.) ficará guardado sob a responsabilidade da professora Marcella Marjory Massolini Laureano com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.
- Os casos relatados ao longo da e entrevistas serão tratados de modo impessoal, sendo necessárias apenas informações como sexo, idade, naturalidade. O sigilo e a confidencialidade quanto aos dados dos casos também estão garantidos.

Consentimento da participação da pessoa como participante:

Eu, _____, R.G de número _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **“A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica”** como participante. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pelos pesquisadores sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrente da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento sem que isso resulte em qualquer prejuízo ou penalização. Fui informado pelos pesquisadores que o produto final da pesquisa será apresentado como uma forma de avaliação. Por fim, concordo com a utilização dos dados obtidos através da minha participação, sem qualquer forma de identificação, para quaisquer outras apresentações e elaborações de trabalhos científicos a serem publicados.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Marcella Marjory Massolini Laureano
Pesquisadora Responsável
Telefone (61) 9292-8297
CRP: 12960

Fabiana da Costa Zaidem
Pesquisadora Assistente
Telefone (61) 8126-5854 / 9197-6892

Anexo B – Entrevista com psicoterapeuta junguiano

Esta é a transcrição da entrevista realizada em 10 de maio de 2013 com a psicoterapeuta que já trabalhou com a análise dos sonhos com base na teoria junguiana. Aqui, as falas da pesquisadora são precedidas por “P.” e as falas da psicoterapeuta são precedidas por “T.”, conforme se observa a seguir:

P. Você pode me falar um pouco sobre quando e em que instituição você se graduou?

T. Eu me formei primeiro em sociologia em 82 e depois em psicologia em 89. Me graduei na época em sociologia na PUC do Rio Grande do Sul, e em psicologia na UNISINOS, também no RS. Bom, assim como vocês aqui, né, nossa formação no RS é muito forte em Freud, né. Até porque a gente tá perto do segundo centro de psicanálise. Então Jung é um... a gente... interessante é que eu comprei o livro de Jung até sem saber quem ele era quando eu tava como aluna de graduação. Mas não era uma coisa que tivesse me chamado muita atenção naquele momento. Até que eu comecei... quando eu me formei em 89, hã, o que que eu fui fazer? Deixa eu pensar, nessas alturas do campeonato. Eu tava dentro do banco do Brasil, né, e fui trabalhar com dinâmicas de grupo, enfim, com seleção interna, fui mais ou menos por essa área. Mas ao mesmo tempo, hã, antes de trabalhar com psicologia organizacional, eu tinha um sonho quando eu entrei no banco, né, que era ficar no banco até me formar. Me formei e comecei esquema de montar consultório e tal, e aí vinha a linha, né, porque a princípio você atende com as ferramentas que você tem. Bom, nesse meio tempo, hã, eu fazia muitas coisas, muitos estágios e tal. Então durante a graduação eu fazia já terapia com uma junguiana, né. Fiz com uma, fiz com duas, fiz com várias pessoas, fiz com psiquiatra também junguianos. Era o grupo que existia em Porto Alegre. Até que eu fiz com

uma que foi formada em Zurique, né, porque a formação do junguiano mesmo é em Zurique e tal, e ela era professora em Uriques. E a gente ficou bastante tempo e eu aprendi bastante coisa com ela, né. Aí depois eu quis estudar Jung e aí eu resolvi fazer um grupo em São Paulo, ia um final de semana por mês. E tinha um grupo também em São Paulo que estudava Jung. E de repente eu vi que podia atender, né. Aí comecei a atender. E foi uma experiência muito interessante, né, o atendimento foi... acho que eu fiquei o que? Acho que consultório, eu não fiquei muito tempo, acho que eu fiquei uns 3, 4 anos com consultório, por que? Porque a psicologia organizacional me chamou, né. Foi uma coisa que me chamou mais atenção, era uma coisa mais interessante pra mim naquele momento. E o consultório, apesar de ser extremamente interessante, hã, como eu vou te dizer isso de uma forma que tu consiga me entender? O consultório tu ajuda uma pessoa, né, tu tem toda uma caminhada. E eu gosto muito de trabalhar com grupos. Então grupos pra mim é um processo muito interessante. Cheguei até a trabalhar, fiz formação na Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos, e lá eu fiz artigos da "A Odisseia", né. Que é um filme do Francis Ford Coppola, à luz da teoria junguiana. Fiz toda análise do filme, então fiz algumas coisas até de produção e tal. Mas resolvi ir pra organizacional. Bom, mas enfim...

P. Você fez alguma pós graduação ou especialização na teoria junguiana?

T. Vê bem, de terapia eu fiz olha, bem uns 5 ou 6 anos com análise junguiana. Que é o tempo mais ou menos que a gente parece que precisa de 3 anos na formação de analista, não lembro mais como. Não fiz o curso de formação de analista. Fiz grupos de estudos e tal. E era assim que a gente começava realmente a trabalhar principalmente no Brasil. Hoje já existe curso de formação de analista junguiano no Brasil, naquela época não existia.

P. "E fica no sul esse curso de formação?"

T. Olha, tinha um em SP, um no Rio, no Sul se tem, eu não sei te dizer se já tem, né. Na minha época não tinha, por exemplo. Mas tinha um colega que ele tava tentando levar

para a UNISINOS o curso de formação. Colega que se formou junto comigo e aí continuou na análise junguiana, o Jerson. Eu não sei se eles já conseguiram levar pro sul. Eu não sei te dizer, porque eu não acompanhei mais a caminhada. Eu fui pra uma outra jornada, né.

P. E você trabalhou quanto tempo com a psicologia analítica?

T. Enquanto eu tava me formando eu fiz, acho que eu fiz o que? Uns 2 anos de análise, né. Depois que eu me formei, 2 ou mais, eu fiz mais, acho que eu fiz uns 3 anos de análise, quando eu tava pra me formar. Depois de formada eu continuei fazendo análise, não sei o total de tempo, gente. Acho que com a Mírian eu fiquei o que? Uns 2 anos. Com o fulano mais 2. Com a outra lá mais uns 2. Acho que uns 6 ou 7 anos de análise. Bastante tempo, né.

P. Você se especializou para trabalhar com análise de sonhos?

T. Bom, o que que tinha? A gente estudava nesse período, com o Jerson. A gente fez vários grupos, em algumas disciplinas quando a gente..., até na própria disciplina que trabalhava psicanálise a gente foi levar o conhecimento do Jung, levamos vários livros, vários textos, fizemos algumas interpretações, até pro pessoal conhecer, porque o pessoal não conhecia como é que trabalhava Jung, né. Hã, e, deixa eu ver aqui. A questão da análise dos sonhos. E ali, eu tinha experiência de analisar os meus próprios sonhos, porque tu vai pegando o esquema, né, em terapia. E a análise junguiana ela te dá muito a questão existencial, né. Ela sai da questão só sexo, né. A questão freudiana, né, do inconsciente coletivo, aliás, do inconsciente pessoal e vai no inconsciente coletivo. E essa experiência, assim, te dá uma, como é que eu vou te dizer? Uma satisfação. É uma plenitude muito grande. Então tu tem a sensação de que o teu sentido de vida tá sendo completado. E isso gratifica muito, alivia muito a libido, né, essa experiência. Então eu comecei a ter essa experiência com os meus sonhos e é por isso que tu escolhe ser analista. Exatamente pela experiência que tu tem na análise com teu sonho. E aí, no primeiro estudo realmente como

grupos aí, com mais profundidade, eu fui fazer em São Paulo. Que aí foram seminários que surgiram, e aí peguei vários doutores. E eram seminários de uma faculdade de São Paulo. Descobri, né, nos jornais, sei lá como eu descobri. Acho que foi na própria UNISINOS. E aí fui, comecei a investir, comecei a ver um pessoal legal. Dali a gente desenvolveu um grupo de estudos. E aí eu comecei a analisar os sonhos sob uma outra perspectiva. Fiquei pouco tempo nesse grupo, acho que não chegou a 1 ano, mais ou menos, né. Mas aí nesse meio tempo eu comecei a me animar a fazer o consultório. Como eu tava fazendo terapia também, aí tu pega supervisão, enfim, tu vai levando. Essa foi a minha experiência.

P. Você já atendeu casos nos quais foi necessário ou importante o uso da análise de sonhos?

T. Sim. Vamos dizer assim, que eu trabalhava? eu trabalhava, eu não trabalho muito com criança, assim, não é a minha praia, eu não gosto realmente, trabalhei poucas vezes com criança. mas com adultos eu trabalhava com análise de sonhos direto. Trabalhava com imaginação ativa também. Era basicamente com isso. E pedia às vezes pra pessoa trabalhar com argila, né. Não trabalhava com a caixa de areia. Trabalhei, eu sim, né, nos seminários que a gente ia, nos congressos, a gente chegava a ter essa experiência, mas não cheguei a atender com a caixa de areia, até porque ela exige todo um espaço físico, ela tem determinadas dimensões e tal, pra ti trabalhar, e eu achava que não era o caminho. Mas com sonhos direto sim, com certeza.

P. Você pode descrever algum caso?

T. Nossa, foi...(risos) Deixa eu me lembrar agora. Vamo ver. Eu tive um caso de uma pessoa que fazia, enfim, ela fez alguns cursos comigo, eu sempre trabalhei com cursos também, dei cursos fora e tal. E aí ela foi, ela era uma maestra, uma maestrina. Ela se formou na Urigues, né, como musicista. E aí ela foi pra Europa, pra Europa não, ela foi pros Estados Unidos, pra Nova Iorque, fazer um curso na área dela e tal. E hoje ela rege vários corais e tal.

E essa maestrina, quando ela foi pors Estados Unidos, que que aconteceu? Ela descompensou. Ela entrou numa paranoia muito grande, ela se apaixonou por um rapaz. E esse rapaz era homossexual e tinha um caso com um dos professores dela, dentro da escola e tal. E o rapaz chegou a ser professor dela também. E aí ela se misturou um pouco ali, né. Ela se confundiu, entrou numa coisa meio que um delírio "à trois" (8'31). E aí gente já não sabia o que era realidade e o que era fantasia. Também existe um dado de realidade que nos Estados Unidos eles colocam câmeras nos apartamentos, eles fazem, enfim, né. Aí eles contratam gente pra ver. E ela começou a entrar numas que tinha, e os dois começaram a tratar ela mal. Aí a gente já não sabia o que era fantasia dela e o que era realidade. Ela quando voltou, também existe... quando a pessoa vem do exterior ela entra numa psicose, uma coisa assim, uma paranoia muito grande pelo menos seis meses, né, o que se imagina em torno de seis meses. E essa menina ficou muito mal, assim, né. E dizia "ele pode tá me seguindo", então, enfim, um negócio assim muito doido. E aí eu resolvi tratar ela com a terapia junguiana porque ela respondia muito bem. Fazia meditação também, como fez meditação, eu dava curso de meditação, ela fez comigo e tal, ela tinha um acesso ao inconsciente muito legal. E aí meditava e também vinham algumas coisas recorrentes na própria meditação. E a gente utilizou esses sonhos dela, até pra ver pra onde é que ela ia, né, por que ela não conseguia fazer nada, não conseguia sair de casa, que ela achava que ele tava seguindo, não dirigia, é apavorar. E aí eu entrei com ela, assim, até no sentido de trabalhar mesmo como Jung trabalhava, né, no sentido de procurar não rotular, né, mas ver "será que não é... será que não pode tá acontecendo dele tá vindo?", enfim, a gente foi interpretando, foi indo. Fui entrando junto com ela até pra manter a confiança, porque se ela achasse que não era, né, que era... o que ela imaginava e eu pudesse pensar que era uma fantasia, ou desqualificar de alguma forma, eu ia perder o vínculo também. Então fui entrando junto com ela, fui indo, fui indo, fui indo. E ela saiu em 3 meses desse estágio. E hoje ela tá muito bem, tá... e a gente

trabalhava os sonhos. Eu não vou conseguir te relatar os sonhos que ela trabalhava naquele momento. Mas os sonhos davam muito caminho, né. Porque o sonho tem isso, ele tem um aspecto premonitório, em alguns momentos, em alguns casos. Algumas vezes ele fala do que tu tá vivendo, e algumas vezes é como se tu... porque nós temos uma sabedoria interna. É isso que Jung traz também, né. A questão do teu eu superior, que seria o próprio self pra ele, né. Então o teu self ele te dá o caminho, porque existe uma sabedoria maior que vai além do inconsciente pessoal.

P. "É o que Jung chama de si mesmo algumas vezes?"

T. Eu diria o que ele chama de self. Tá? É o entendimento de self. Você vai encontrar esse entendimento em vários lugares, inclusive no "Homem e seus símbolos". Eu gosto muito da Nise da Silveira também, pra interpretar algumas coisas de Jung acho que ela ajuda bastante. Então esse teu self, né, tu vai ter aqueles... tu vai ter o animus e a anima, no nosso caso o animus, né, como mulher. Mas o teu self surgindo nas figuras de velho e de criança, né, que seriam as contrapartidas do self. Eles vão te dar um, vamos dizer assim, um entendimento do que, de que caminho tu precisa ir. O que que tá te apoiando, ele vai te dar uma direção. Aí tem a questão de noções, né, direita e esquerda, hã... aí tem que ver também, ela no caso me parece que era canhota, né. E também às vezes inverte um pouco. Mas enfim, a gente conseguia fazer um entendimento assim do que que ela tava precisando. Agora, sonhos que ela sonhou... meu Deus do céu. Eu não lembro mais, isso aí faz muitos anos. Eu realmente não lembro mais.

P. "Mas e de modo geral, assim, quando você trabalhava com sonhos, você via muito a questão de imagens, e fazia links com arquétipos e ia pra mitologia... como que era isso na sua análise?"

T. Eu trabalhava muito com dicionário de símbolos do Chevalier, né, do Chevalier e do... tô enxergando o livro na frente e não me lembro o autor. Mas são dois dicionários. Mas

principalmente do Chevalier que eu acho mais completo e tal. Hã, e nesses dicionários... então muita coisa, obviamente, a gente já tem um entendimento, pelo que tu conhece e tal. Mas o interessante é quando o paciente sonhava, eu voltava pro dicionário e lia junto com ele, né. Que que Chevalier tava entendendo, "e aí que que tu entendeu? como é que é pra ti?". O diferencial do pensar, interpretar o sonho por Freud e por Jung é que por Freud, tu dá a tua interpretação, né, uma visão mais autoritária e tal e tu diz pro paciente "ah, então tu tá pensando isso", então "o teu caminho é esse". Quando tu pega Jung tu vai perguntar pra ele como é que ele tá entendendo isso, né. Qual é o entendimento que ele tem e qual é o contexto daquele sonho na realidade dele. Quer dizer, não é toda vez que tu sonha com madeira que isso quer dizer que é sexo, tu sonha com um a cobra então é sexo. Não, daqui a pouco cobra pode ser sabedoria, pode ser uma série de outras coisas, dependendo se é uma naja se não é, ou pode ser o aspecto fálico também, né. Enfim, pode ser muita coisa.

P. "E tudo isso é bem linkado, então, com a realidade psíquica daquela pessoa."

T. Psíquica e concreta, eu faço. Eu pelo menos fazia dessa forma. Quer dizer "o que que tu viveu? o que que tu tá entendendo?". "Ah, Débora, pode ser que ontem eu tive uma experiência assim e assim". E aí, claro, "eu sonhei" e tem um aspecto residual do sonho, né. Que o próprio Freud falava disso. Mas enfim, pra Jung isso também conta. Daqui a pouco a pessoa não teve lá um sonho arquetípico. Não são todos os sonhos que são arquetípicos. Tu tem que tá num estado de relaxamento muito profundo, tem que tá num momento que também te propicie isso, né, lá os teus mecanismos compensatórios, enfim. Então a gente trazia muito isso, assim. Respeito ao outro. O que que realmente aquilo tá significando pra ele. O que que ele entende, né. Claro que às vezes a pessoa também manipula. Mas a gente também pode manipular enquanto terapeuta. Trabalha muito essa questão da relação com o outro, né. Quer dizer, como é que a pessoa também tá em relação a ti, em relação aos sentimentos. No momento que tu tá, também tá puxando algumas coisas e tá trazendo, no

caso, essa pessoa que eu tô me lembrando, trazer de volta à realidade, ela também tem sentimentos porque ela também tem ganhos também em permanecer nessa fantasia. Porque se ele tiver perseguindo ela também tá sendo alvo do interesse dele, do desejo dele, né. Aí no momento em que ela tem que se desligar da fantasia ela tem que se desvincular também do alvo do desejo. E tudo isso é complicado. Envolve amor, envolve afeto, envolve carências, envolve mil coisas. Então a gente, eu ia indo por aí.

P. Com que frequência você diria que utilizava esta análise no atendimento a pacientes?

T. Utilizava em todas as sessões. É muito raro tu não trabalhar com os sonhos. Em alguns casos eu trabalhava com imaginação ativa quando o paciente contava um pedaço do sonho e "não lembro mais". E tu vê que era um sonho mais significativo. E aí a gente vê "e se fosse?", "eu não sei", "mas e se soubesse?", "e aí, como é que poderia ser? feche os olhos, imagina, volta, enfim... e aí viajar um pouquinho". Eu gosto mais dos sonhos puros do que a imaginação ativa, mas trabalhei também com ela.

P. De que forma é feita análise de imagens arquetípicas do sonho?

T. As imagens arquetípicas, vamos dizer assim, o sonho arquetípico ele tem uma... tem uma característica diferente do sonho comum. Tu sai como que iluminada, né. Um termo que o Jung usa que eu tô tentando lembrar. Não é o iluminado que ele usa, mas não é iluminado do iluminado de Deus, né. É o aspecto luminoso... numinoso. Poxa, lembrei. Essa forma que o Jung fala. Numinosidade. Então a numinosidade da pessoa fica diferente, tu chega a te arrepiar às vezes quando terapeuta quando tu vê um sonho arquetípico. Ele traz um conteúdo assim com maior profundidade. E tu consegue também, até porque tu tá com os dicionários ali também trabalhando, e vê esses conteúdos e analisar e aí tu analisa com a pessoa "ah, o Chevalier ta dizendo isso, e tu, que que tu acha?", "não eu cho que...". Porque o paciente ele vai pegando tarimba também de analisar junto com a gente. Isso é muito legal,

né. então ele também vai dizendo as coisas que ele tá percebendo. Não são os sonhos mais comuns, vou te ser bem honesta, assim, pelo menos da minha experiência que eu tive assim, não... Talvez a gente até puxando, né, mais pra questão pessoal da pessoa e tal que não desse tanto espaço. Porque é uma relação na realidade, né. Então não é... surgiram alguns, mas não era o mais frequente ou mais usual o sonho arquetípico, por exemplo.

P. Fale um pouco sobre a importância da interpretação dos sonhos dos pacientes para o sucesso de uma sessão ou de um processo analítico.

T. Olha, eu entendo que quando tu acessa o inconsciente... eu sinto muita falta disso aqui, né. Um analista, um bom analista junguiano em Brasília, né. Talvez até tenha, né, mas eu realmente... ou não procurei muito, ou não achei, enfim. Ou até numa outra linha, assim, de pesquisa de colega porque eu tinha uma necessidade específica quando eu fui. Eu tô sempre em terapia, porque eu acho que a terapia é muito importante. Mas o que eu percebo, assim, eu não sou fixa também "tem que ser Jung, tem que ser Freud, tem que ser...". Não, eu acho que as correntes se complementam, né. Mas o que eu sinto falta tanto pro paciente quanto pra gente, é um alívio existencial que a interpretação de sonhos junguiana te dá que outras correntes não te dão. Porque o teu inconsciente ele tá falando literalmente no teu sonho, né. E ele tá dizendo que tu precisa. Ele te diz o caminho. E quando tu consegue chegar junto com o paciente nesse caminho, a pessoa ela fica mais centrada mesmo, né. É um centramento diferente, é um centramento de self. Então são aquelas pessoas que eu digo assim "meia bruxinhas, né". Mas não bruxinha o mítico, que vai lá e transforma, né. Mas tu faz a tua própria alquimia. Tu faz a tua própria transformação. Tu acha teus próprios caminhos, com mais tranquilidade nesse mundo tão louco do jeito que tá. Então eu acho que Jung tem, vamo dizer assim, o olhar junguiano tem isso. Porque hoje a gente fala, se a gente falar identidade, né, se a gente pensar identidade fixa. Tamo longe disso, não sei se isso faz sentido pra ti. Mas "o fulano que nasceu assim, morreu assim", "não, isso é da minha

essência". Essa identidade se foi. A identidade sociológica, né ou seja, "as pessoas à minha volta me influenciam um pouquinho mas eu ainda tenho um pouco da fixa", também se foi. Hoje a gente entende que o indivíduo é uma identidade móvel, né. Pós-estruturalismo, identidade pós-estruturalismo, ou seja, a gente é uma eterna metamorfose ambulante, né. Essa metamorfose ela é muito ansiogênica, né. Então as pessoas ficam muito sem saber "meu Deus do céu, pra onde é que eu vou? e se eu fizer isso tudo bem, se não fizer a ética também já tá perdida". Então acho que resgatar Jung e esse aspecto de re... não de religião, mas de religiosidade, no sentido de religar, né. Porque a religiosidade tem isso, ela religa o teu próprio self, na tua própria essência. Ela é muito rica. E isso faz com que a pessoa tenha numinosidade, com que o olho dela brilhe, com que ela ache outros caminhos. Não da identidade fixa e essencial, mas dentro de um caminho que ela vai traçando pelas verdades que ela vai sentindo no seu próprio inconsciente. Então isso é muito bonito. Uma coisa que eu amava no Jung e eu fiz muito, fiz na Odisseia do François Copola e fiz em outros momentos também, e eu observo que cada vez que a gente fazia isso a gente deixava as pessoas encantadas. Analisar um filme, por exemplo, utilizando toda linguagem junguiana, analisando um sonho e trazer prum debate uma discussão. Quando a gente usava em fóruns acadêmicos, enfim. Gente, isso aí, as pessoas ficam encantadas, elas ficam maravilhadas. Quer dizer, que maravilhamento é esse, né? Na realidade é o encantamento do... de tu trazer aqueles conceitos que já estão dentro de ti. Quer dizer, tu faz essa conexão. Esse é o meu entendimento. Tu faz conexão com esses aspectos e as pessoas se maravilham porque elas têm isso dentro delas.

P. "E geralmente as pessoas estão desacostumadas a entrar em contato com isso, né".

T. Com certeza... e as pessoas ficam muito esvaziadas de sentido. E o Jung traz de novo a questão do sentido. Porque tu fica solta no mundo onde tu só tem que atender expectativas, expectativas, expectativas e cobranças dos outros. E tu quer atender pra ficar

bem na foto, né. Jung te traz o contrário disso. Cala um pouco pra ouvir o que tem dentro de ti e o que o teu espaço interno tá dizendo. Por isso que eu acho que é um espaço religioso, mas não religioso de religião católica, mas um espaço de religamento. Cada vez que tu faz uma terapia junguiana. Porque aí tu tá em contato realmente com o mais bonito do ser humano. E ouvindo esse mesmo trânsito (21'45) passa muita escuta. É ver o que que tá aflorando. E aí, pessoas que não sonhavam, por exemplo, elas passam a sonhar, né. Porque tu dá espaço pro inconsciente vim. É muito bonito, assim. Um espaço muito bonito. Eu sinto falta, até falando contigo assim eu sinto saudade desses momentos, tanto como paciente quanto como terapeuta.

P. "Atualmente você não faz, então, a análise junguiana? Sua, pessoal".

T. Não, não tô nem fazendo a minha análise nem tô analisando ninguém, até porque eu não tô trabalhando no consultório. Eu tô na psicologia organizacional. Foi uma experiência então... tô te falando de uma experiência da década de 90. E assim, acho que em dois... é, foi 90 sim forte. Na década de 2000 eu tava muito envolvida na organizacional já. Enfim, foi uma escolha, né. Mas é um trabalho muito bonito, assim.

Anexo C – Diário de observações das entrevistas com psicoterapeuta junguiano

Estas são as anotações obtidas através das entrevistas realizadas com o psicoterapeuta junguiano. Foram realizadas 04 (quatro) entrevistas nos dias 30 de abril, 9 e 16 de maio e 13 de junho de 2013, com duração de 50 minutos cada uma. A primeira entrevista é descrita em narrativa, contendo os elementos abordados neste primeiro contato. A segunda e a terceira são descritas por meio de tópicos da fala do entrevistado. Quando preciso, o entrevistado é identificado por “V.”, conforme se observa a seguir:

1ª Entrevista em 30/04/2013

Neste primeiro encontro, V. quis conhecer melhor o trabalho que está sendo realizado e o que me levou a querer fazê-lo. Ele relatou um pouco o histórico de Freud e Jung. Segundo ele, os dois autores divergiram especialmente em relação à teoria da sexualidade e à dinâmica do psiquismo. Diferentemente do que é dito, Jung não foi um discípulo de Freud, mas sim, um colaborador (apesar de Freud ver em Jung um continuador de sua teoria). Segundo V., Jung foi muito além de Freud, abordando os conceitos de inconsciente coletivo e complexos, enquanto Freud abriu caminho para o estudo do inconsciente pessoal e aí se manteve. Filosoficamente os dois também possuem divergências. Porém, em relação à mitologia, V. afirma que Freud também era estudioso nesta área. Ele sugere a leitura de casos de Freud (Da Vinci...). V. diz que Freud construiu sua teoria de fora para dentro (era neurologista), e Jung construiu de dentro para fora (era psiquiatra). Na época de Freud, a exumação de corpos e a busca por uma explicação fisiológica para a psique era muito buscada. Foi ele o primeiro a falar da psique como independente do cérebro. V. compara a forma que Jung elaborou sua teoria com a maneira que os terapeutas atuais devem assimilá-la. Isto quer dizer que, segundo ele, para se entender a forma de se trabalhar com a psicologia analítica e com a análise de

sonhos depende da vivência do terapeuta, portanto, trata-se de construir a sua atuação profissional de dentro para fora. Por isso, V. conclui que a análise pessoal é imprescindível, até porque todo cliente que chega à clínica implica a vida do terapeuta que a atende.

V. disse que a psicologia analítica possui 3 linhas. A escola clássica, com a qual ele trabalha, busca essencialmente a análise da imagem, motivo pelo qual os sonhos são tão importantes. Ele relatou ter trabalhado com Nise da Silveira em um hospital psiquiátrico, durante 15 anos (eu acho), com casos de esquizofrenia. Neste período, Nise pedia que não se anotasse nada durante os atendimentos. Segundo ele, a cisão da consciência, típica da doença, causa também uma desconexão da fala. Por isso, observar o sujeito era muito mais relevante que anotar fala. V. relata que devido à importância da imagem, seu trabalho é bem específico nos sonhos.

Este psicólogo sugere que as entrevistas não sejam gravadas, para que eu faça o exercício de ser eu mesma “ser o gravador”. Ele pediu que eu pense nos motivos que me levaram a estudar a teoria junguiana, pediu que eu repasse a ele meu prazo de entrega e que esclareça o que já tenho escrito em minha monografia. Por fim, ele propõe que tenhamos diversos encontros, sendo que o próximo poderá ocorrer dentro de 9 dias. Durante este período, terei de anotar meus sonhos, do modo como se apresentarem, sem florear ou disfarçar qualquer elemento. Enquanto isso, ele pensará em sua participação e irá ler o termo de consentimento.

2ª Entrevista em 09/05/2013

- Análise de sonhos ligada à dinâmica psíquica do sujeito;
- Sujeito chega à clínica procurando por uma análise (quase como uma adivinhação) de seus sonhos, ou em busca de alívio para sofrimento psíquico;

- A transferência para Jung ocorre em qualquer relação. É natural, inevitável, mas não é o centro do trabalho do analista.

- Quando um sujeito conta um sonho, como lidar com aquilo? O que fazer com imagens fortes trazidas nos sonhos do sujeito? Analista deve saber a realidade psíquica dele e saber o que pode ser dito ou não naquele momento;

- Imagem antecede a palavra. Analisar as imagens por meio de mitos, literatura, contos de fadas...;

3ª Entrevista em 16/05/2013

- Sonhos são genuínos;

- São dois inconscientes que se encontram na clínica: terapeuta e paciente. Todo paciente chega à clínica por um motivo, não é à toa.

- Quatro tipos de sonho: mensagem da consciência para a consciência; mensagem do inconsciente para a consciência; sonhos corretivos; e sonhos arquetípicos.

- O sonho como um caminho para o inconsciente, como Freud já dizia. Mas Jung vai além...

- Há uma imagem sempre antes da fala. Quando se pensa em fazer/falar alguma coisa, uma imagem já é criada mentalmente, por isso a importância do trabalho com as imagens;

- Atenção desarmada: conhecimento formal é posto atrás da atenção. Coloca-se em primeiro plano a observação e utiliza-se dos conhecimentos quando é necessário.

- Terapeuta não é neutro. No setting, são 2 personalidades que se encontram. Pode caber até mesmo que o terapeuta relate o seu próprio sonho, se for terapêutico e no momento certo.

4ª Entrevista em 13/06/2013

Neste último contato, V. disse que a clínica possui “diversas nuances”, e por isso o terapeuta deve estar preparado para lidar com isso. Ou seja, o que é mais adequado para um psicótico ou um neurótico? Para um neurótico, relatar mitos é algo muito produtivo. Já para um psicótico, mitos não são muito adequados, devido à sua cisão de consciência que dificulta que ele os assimile. O mais adequado para este, seria o relato de contos de fada;

- Por conta disso, o terapeuta também tem de conhecer psicopatologia. V. relata ter tido uma ótima experiência e um grande aprendizado no hospital psiquiátrico no estado do Rio de Janeiro, onde trabalhou por muitos anos. Lá, conheceu a psicopatologia de fato. Ele diz que o terapeuta tem de estar preparado para agir em um caso de surto, uma vez que ele pode lidar com qualquer tipo de caso em seu consultório.

V. também falou que quando uma pessoa o escolhe para terapeuta e o procura, ele tem uma conversa inicial e pede para que a pessoa pense nessa relação que será iniciada, assim como ele também pensará. Isto, porque para ele, não são todos os casos que aparecem que ele deve aceitar. Tudo depende do “feeling” neste encontro inicial.

Segundo ele, o terapeuta também deve reconhecer que as dificuldades de um analisando pode advir de uma limitação psíquica ou orgânica. Assim, durante um tratamento, a interação do processo psicoterápico com uma intervenção medicamentosa pode ser necessária.